

ESTADO DA ARTE SOBRE OS ESTUDOS DOS SINOS: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS, CULTURAIS E SONORAS

STATE OF THE ART IN BELL STUDIES: HISTORICAL, CULTURAL, AND SONIC
PERSPECTIVES

Ciências Humanas, Linguística & Letras e Artes • 24/10/2026

REGISTRO DOI: [10.70773/revistatopicos/792632493](https://doi.org/10.70773/revistatopicos/792632493)

Getuliana Sousa Colares¹

Fábio Costa Santos²

Adriana Souza Colares Santos³

Luiz Botelho Albuquerque⁴

Pedro Rogério⁵

RESUMO

Esta pesquisa tem como título: Estado da Arte sobre os Estudos dos Sinos: Perspectivas Históricas, Culturais e Sonoras. Temos como objetivo geral: analisar a produção acadêmica acerca dos sinos, evidenciando suas múltiplas dimensões ao longo do tempo, e como objetivos específicos: estudar a evolução histórica dos sinos, conhecer os sinos e seus saberes tradicionais, compreender o ofício de sineiro e seus conhecimentos técnicos. A pesquisa caracteriza-se como um levantamento do tipo estado da arte, com o intuito de sistematizar e compreender as principais abordagens existentes sobre o tema na literatura científica. No campo histórico, os estudos demonstram que os sinos possuem origem milenar, sendo utilizados desde civilizações antigas e incorporados à Europa medieval e, posteriormente, ao contexto brasileiro durante a colonização. Já na perspectiva cultural, os sinos são compreendidos como elementos de identidade coletiva, atuando como instrumentos de comunicação social, religiosa e simbólica nas comunidades, marcando eventos, celebrações e práticas do cotidiano. No âmbito sonoro, as pesquisas destacam os sinos como produtores de linguagens específicas, cujos toques carregam significados próprios, organizando a vida social e expressando valores culturais transmitidos entre gerações. Além disso, evidencia-se a influência de matrizes culturais diversas, como as contribuições africanas na formação das tradições sineiras no Brasil. O levantamento aponta que os estudos sobre os sinos ainda são fragmentados, porém crescentes, envolvendo áreas como história, antropologia, música e patrimônio cultural. Conclui-se que os sinos constituem um importante patrimônio cultural imaterial, sendo fundamentais para a preservação da memória coletiva e das tradições populares.

Palavras-chave: Sinos; Cultura popular; Patrimônio imaterial.

ABSTRACT

This research is titled: "State of the Art on Bell Studies: Historical, Cultural, and Sonic Perspectives." Its general objective is to analyze academic output regarding bells, highlighting their multiple dimensions over time; specific objectives include studying the historical evolution of bells, examining bells and their associated traditional knowledge, and understanding the craft of bell-ringing and its technical aspects. The research takes the form of a "state-of-the-art" survey, aiming to systematize and understand the main approaches to the subject found in scientific literature. From a historical perspective, studies show that bells have ancient origins, having been used since early civilizations, incorporated into medieval Europe, and subsequently introduced to the Brazilian context during colonization. From a cultural perspective, bells are understood as elements of collective identity, serving as instruments of social, religious, and symbolic communication within communities by marking events, celebrations, and daily routines. Regarding their sonic dimension, research highlights bells as creators of specific languages; their ringing patterns carry distinct meanings, organizing social life and expressing cultural values passed down through generations. Furthermore, the influence of diverse cultural roots—such as African contributions to the formation of bell-ringing traditions in Brazil—is evident. The survey indicates that studies on bells, while still fragmented, are on the rise and span fields such as history, anthropology, music, and cultural heritage. The study concludes that bells constitute an important form of intangible cultural heritage, playing a fundamental role in preserving collective memory and popular traditions.

Keywords: Bells; Popular culture; Intangible heritage.

1. INTRODUÇÃO

Os sinos constituem objetos sonoros que atravessam diferentes temporalidades, sociedades e sistemas culturais. Sua presença pode ser observada em espaços religiosos, comunitários, públicos e festivos, assumindo funções que ultrapassam a produção de um som audível. Em diferentes contextos históricos, tocar um sino significou chamar, advertir, reunir, celebrar, lamentar, orientar e marcar a passagem do tempo. Essa multiplicidade de funções permite compreender o sino como um artefato simultaneamente material e simbólico, cuja existência se articula às formas pelas quais os grupos humanos organizam a vida coletiva. Por isso, estudar os sinos implica considerar não somente sua origem e suas características físicas, mas também as relações sociais, os saberes e as memórias que se constituem em torno deles.

A literatura reunida neste estudo evidencia que a presença dos sinos acompanha processos de transformação das sociedades. Desde os registros relacionados às civilizações antigas até sua incorporação às práticas religiosas e comunitárias europeias, os sinos foram apropriados de diferentes maneiras. No Ocidente cristão, adquiriram especial relevância nos espaços eclesiásticos, tornando-se elementos de ordenação do cotidiano. No Brasil, sua presença esteve vinculada à implantação de igrejas, irmandades, festas, procissões e outras práticas religiosas, passando a integrar as paisagens sonoras de numerosas cidades. Entretanto, essa trajetória não deve ser compreendida como simples reprodução de modelos europeus, pois as práticas sonoras brasileiras resultaram de encontros, tensões e ressignificações entre diferentes matrizes culturais.

A linguagem dos sinos constitui, nesse sentido, uma dimensão particularmente significativa. O som não é apenas um fenômeno físico; ele pode funcionar como signo reconhecido pelos membros

de uma comunidade. Um determinado ritmo, intensidade, duração ou sequência pode ser associado a uma celebração, a um falecimento, a uma convocação ou a um acontecimento extraordinário. O conhecimento dessa linguagem depende de aprendizagem, memória e participação social. Assim, o toque torna-se uma forma de comunicação que se realiza por meio da experiência e que pode ser transmitida oralmente e pela prática. O sineiro, nesse processo, ocupa uma posição central, pois não é somente aquele que aciona mecanicamente o instrumento, mas alguém que domina códigos, tempos, técnicas e sentidos socialmente construídos.

A relevância do tema também se relaciona ao debate contemporâneo sobre patrimônio cultural. O reconhecimento do Toque dos Sinos e do Ofício de Sineiro como patrimônio cultural imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan, em 2009, contribuiu para ampliar a compreensão dos sinos como práticas vivas e não apenas como objetos antigos. O patrimônio imaterial envolve conhecimentos, modos de fazer, celebrações, formas de expressão e referências culturais que possuem significado para grupos sociais. Nessa perspectiva, conservar os sinos não significa apenas preservar peças de bronze ou estruturas arquitetônicas; significa também assegurar condições para que os conhecimentos relacionados a seus usos e significados continuem sendo praticados e transmitidos.

É nesse horizonte que se insere o presente estudo, construído como um estado da arte sobre os estudos dos sinos, com atenção especial às perspectivas históricas, culturais e sonoras. O levantamento procura identificar como diferentes autores e campos de conhecimento abordam esse objeto, quais conceitos são

mobilizados e quais dimensões aparecem com maior frequência. O propósito não é elaborar uma história total dos sinos, mas organizar tendências da produção reunida, evidenciando convergências, diferenças e lacunas. A escolha do estado da arte justifica-se pela natureza interdisciplinar do tema: história, antropologia, música, acústica, patrimônio cultural, memória e educação oferecem possibilidades distintas de interpretação.

A questão orientadora pode ser formulada da seguinte maneira: como a produção acadêmica tem tratado os sinos em seus diversos aspectos e quais dimensões ainda necessitam de aprofundamento para que se compreenda a importância histórica, cultural, sonora e educativa dessas práticas? A pergunta permite deslocar o olhar de uma abordagem exclusivamente descritiva para uma perspectiva analítica. Interessa compreender o que os estudos já produziram, quais conceitos ajudam a interpretar o fenômeno e em que medida o conhecimento acumulado possibilita novas investigações.

O objetivo geral consiste em analisar a produção acadêmica acerca dos sinos, evidenciando suas múltiplas dimensões ao longo do tempo. Como objetivos específicos, busca-se estudar a evolução histórica dos sinos; conhecer os sinos e os saberes tradicionais associados a eles; compreender o ofício de sineiro e seus conhecimentos técnicos; identificar as relações entre som, memória e identidade; e reconhecer possibilidades de continuidade das pesquisas, especialmente no campo da educação, da música e do patrimônio cultural. Esses objetivos orientam a leitura do conjunto bibliográfico e a organização das discussões desenvolvidas nas seções seguintes.

A ampliação do debate é importante porque a experiência contemporânea tende a modificar as relações das comunidades com seus ambientes sonoros. Novas tecnologias de comunicação, alterações nos ritmos urbanos e transformações nas práticas religiosas podem reduzir ou modificar a presença cotidiana dos sinos. Isso não significa necessariamente desaparecimento, mas mudança de função, de frequência e de interpretação. O estado da arte permite observar esse processo e perguntar de que maneira uma prática tradicional permanece significativa quando inserida em contextos sociais diferentes daqueles em que se consolidou.

Por fim, o estudo assume que o som possui dimensão social e cultural. O sino pode ser percebido fisicamente por sua frequência e intensidade, mas também é reconhecido por aquilo que significa para quem o escuta. É justamente essa articulação entre matéria, som, técnica, memória e experiência que torna o objeto particularmente fecundo para a pesquisa acadêmica. A partir desse pressuposto, as próximas seções aprofundam a origem e evolução histórica dos sinos, os processos de patrimonialização, a produção e os saberes tradicionais, e os resultados e lacunas identificados na literatura.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, organizada na perspectiva de um estado da arte. Essa modalidade de investigação busca reconhecer e sistematizar conhecimentos já produzidos sobre determinado objeto, permitindo identificar temas recorrentes, perspectivas teóricas, conceitos, problemas e lacunas. No caso dos sinos, a opção metodológica é especialmente pertinente porque a produção se

encontra distribuída em diferentes campos do conhecimento. As referências reunidas no artigo contemplam estudos históricos, antropológicos, etnomusicológicos, acústicos, patrimoniais e pesquisas relacionadas à memória e à cultura.

O corpus bibliográfico considerado neste trabalho é constituído pelas obras e estudos mobilizados ao longo da pesquisa, incluindo autores clássicos e produções que tratam diretamente do toque dos sinos e do ofício de sineiro. Entre eles estão Le Goff, Schafer, Merriam, Blacking, Nora, Canclini, Connerton, Ingold, Sennett, Assmann, Rossing, Benade, Price, Elphick, Abreu e documentos do Iphan. Também são consideradas pesquisas brasileiras relacionadas às experiências sineiras em cidades históricas e à presença dos sinos em diferentes linguagens culturais. A análise dessas referências não busca estabelecer uma hierarquia absoluta entre os campos, mas compreender como cada perspectiva contribui para a construção do objeto.

A leitura do material foi organizada em eixos temáticos. O primeiro eixo reúne os estudos sobre origem, trajetória histórica e funções sociais dos sinos. O segundo concentra as discussões sobre patrimônio cultural, memória, identidade e práticas comunitárias. O terceiro reúne as abordagens sobre paisagem sonora, música, etnomusicologia e acústica. O quarto contempla produção, fabricação, técnica e saberes tradicionais, incluindo o ofício de sineiro. Por fim, o quinto eixo articula os achados, buscando identificar lacunas e possibilidades para novas pesquisas.

A análise adotada é interpretativa. Isso significa que as referências não são apresentadas apenas em sequência, mas relacionadas a problemas comuns. Assim, quando Le Goff é mobilizado para

discutir a organização do tempo social, sua contribuição é colocada em diálogo com Schafer, quando se aborda a paisagem sonora, e com Nora e Connerton, quando se discutem memória e permanência. Da mesma forma, Merriam e Blacking permitem compreender a dimensão cultural da música, enquanto Ingold e Sennett ajudam a interpretar os saberes incorporados na prática e no fazer artesanal. O procedimento evidencia que o estudo dos sinos exige articulação entre diferentes escalas de análise.

É importante registrar que o presente levantamento não pretende ser uma revisão sistemática exaustiva de toda a produção mundial sobre sinos. Trata-se de um estado da arte construído a partir das referências reunidas na pesquisa e das principais perspectivas teóricas que sustentam o artigo. Essa delimitação deve ser considerada na interpretação dos resultados. A principal contribuição consiste em organizar um campo de discussão e evidenciar possibilidades de aprofundamento, sobretudo em relação às dimensões sensoriais, educativas e às experiências concretas dos sujeitos que mantêm as práticas sineiras.

3. ORIGEM E EVOLUÇÃO HISTÓRICA DOS SINOS

A palavra sino possui relação com o latim *signum*, associado às ideias de sinal, marca ou indicação. Essa dimensão semântica é significativa porque permite perceber, desde o próprio termo, a relação entre o objeto e a comunicação. O sino não é definido apenas por sua capacidade de produzir som; ele é compreendido também pela função de sinalizar algo. O som estabelece uma relação entre quem toca, o acontecimento anunciado e aqueles que reconhecem a mensagem. Dessa forma, a história dos sinos é

também uma história das formas humanas de produzir sinais sonoros e de atribuir significados a eles.

Os registros sobre sinos e objetos semelhantes remontam a sociedades antigas, com destaque para a China. As referências reunidas neste estudo apontam para o uso desses instrumentos em rituais e sistemas de comunicação desde aproximadamente 3000 a.C. A antiguidade desses registros demonstra que a associação entre metal, som e ritual é anterior à tradição cristã ocidental. O desenvolvimento posterior em diferentes regiões revela que o sino não pertence exclusivamente a uma cultura, ainda que determinadas formas de uso tenham adquirido maior visibilidade em contextos específicos. A circulação de técnicas e objetos contribuiu para ampliar suas funções e diversificar suas formas.

Em diferentes sociedades asiáticas, por exemplo, os sinos foram associados a práticas religiosas e contemplativas. Malm (1996) destaca a presença de grandes sinos em templos e tradições musicais do Japão e de outras regiões asiáticas. Nesses contextos, o som pode participar da criação de atmosferas de meditação e de experiências espirituais. O exemplo é importante porque evidencia que a função de um sino não é universal em seus significados. O mesmo objeto sonoro pode assumir sentidos diferentes de acordo com os sistemas religiosos, os valores culturais e os modos de escuta de cada comunidade.

Na Europa medieval, os sinos assumiram posição central nas sociedades cristãs. Sua instalação em igrejas e mosteiros relacionou-se à necessidade de marcar momentos de oração, celebração e reunião. Le Goff (1990) demonstra a importância da organização do tempo na sociedade medieval, e os sinos podem ser compreendidos

como uma das tecnologias sociais utilizadas para tornar esse tempo audível. O toque transformava uma dimensão abstrata – o tempo – em experiência coletiva. O som alcançava pessoas que não estavam dentro da igreja e estabelecia uma referência comum para diferentes grupos sociais.

A relação entre sino e tempo social é particularmente relevante porque revela que os sons participam da organização da vida. Antes da ampla difusão dos relógios individuais e dos dispositivos digitais, o sino podia indicar momentos do dia para comunidades inteiras. O toque das horas, das orações ou das celebrações criava uma espécie de calendário sonoro cotidiano. A comunidade aprendia a interpretar não somente o horário, mas também o significado dos diferentes padrões de toque. Assim, o sino contribuía para produzir regularidades sociais e para estabelecer uma experiência coletiva do tempo.

Além de organizar o tempo, os sinos desempenhavam funções de alerta. Diferentes toques podiam comunicar incêndios, mortes, festas ou situações de perigo. Essa multiplicidade de mensagens reforça a ideia de uma linguagem dos sinos. O som funcionava como uma forma de comunicação pública, especialmente em contextos nos quais os meios escritos eram restritos ou não alcançavam toda a população. A capacidade de propagação sonora permitia que a mensagem ultrapassasse os limites físicos da igreja e alcançasse ruas, casas e espaços de trabalho.

A expressão “voz da comunidade” ajuda a compreender essa dimensão. O sino pode ser entendido como uma voz sem palavras, mas não sem linguagem. Sua comunicação depende de códigos socialmente compartilhados. O sentido não está apenas na vibração

produzida pelo bronze, mas na relação entre a sonoridade e a experiência dos ouvintes. Uma comunidade que conhece os toques reconhece diferenças que podem parecer imperceptíveis a quem não participa daquela tradição. O aprendizado, portanto, ocorre pela convivência e pela repetição, constituindo uma forma de educação cultural.

Com a expansão do cristianismo e dos processos coloniais, os sinos passaram a integrar diferentes territórios fora da Europa. No contexto brasileiro, foram incorporados aos espaços religiosos e às formas de sociabilidade associadas às igrejas. A presença dos sinos nas cidades coloniais e em comunidades rurais colaborou para constituir paisagens sonoras específicas. A sonoridade das torres e campanários passou a fazer parte da experiência cotidiana e das memórias de diferentes gerações.

Entretanto, interpretar essa trajetória exige considerar os processos de encontro cultural. A presença do catolicismo no Brasil ocorreu em uma sociedade marcada pela diversidade de povos e por relações profundamente assimétricas. As práticas religiosas foram apropriadas, transformadas e resignificadas por sujeitos diversos. Canclini (2008), ao discutir os hibridismos culturais, oferece uma chave interpretativa para compreender como práticas tradicionais podem incorporar elementos diferentes e produzir novas formas de expressão. O sino, nesse contexto, não é apenas um objeto europeu transplantado, mas parte de práticas que adquiriram sentidos próprios no território brasileiro.

As contribuições das populações africanas e afro-brasileiras também precisam ser consideradas quando se investiga a formação das culturas sonoras no Brasil. O presente levantamento aponta essa

dimensão, embora reconheça que ela ainda demanda estudos específicos sobre os sinos. A análise das festas, irmandades, práticas comunitárias e formas de participação pode contribuir para compreender como diferentes grupos se relacionaram com os espaços religiosos e com suas sonoridades. Essa perspectiva evita uma narrativa linear e exclusivamente eurocêntrica da história dos sinos no país.

A transformação do sino em instrumento musical representa outra etapa de sua trajetória. Embora sua função comunicativa permaneça importante, a exploração de suas qualidades acústicas permitiu que ele fosse incorporado a práticas musicais. A campanologia desenvolveu formas específicas de organização dos toques, incluindo sequências, ritmos e combinações. Price (1983) e Elphick (1977) mostram que, em determinadas tradições, tocar sinos envolve conhecimentos sistemáticos que aproximam a prática de uma forma de composição.

O desenvolvimento técnico também modificou os próprios instrumentos. Processos de fundição, escolha de materiais, controle de espessura e desenho da peça influenciam a sonoridade. Smith (1988) permite compreender a relação entre desenvolvimento metalúrgico e produção de objetos sonoros, enquanto Rossing (2000) aprofunda a dimensão física e acústica dos instrumentos de percussão. A história dos sinos, portanto, não pode ser separada da história das técnicas de produção.

Outro aspecto importante é a permanência. Embora a tecnologia tenha criado novas formas de medir o tempo e transmitir mensagens, os sinos continuam presentes em muitos contextos. Essa permanência mostra que sua função não se reduz à utilidade.

Quando um sino toca em uma comunidade, pode mobilizar lembranças de infância, festas, pessoas falecidas, celebrações religiosas e acontecimentos coletivos. O som torna-se um marcador biográfico e social. É nesse ponto que a história se aproxima da memória e do patrimônio.

A trajetória histórica dos sinos, portanto, revela um processo de ressignificação contínua. O objeto atravessa civilizações, religiões, tecnologias e sistemas sociais sem conservar necessariamente os mesmos sentidos. Essa capacidade de transformação é coerente com a compreensão da cultura como processo dinâmico. O sino permanece porque pode ser reinterpretado. Sua força cultural está justamente na possibilidade de articular passado e presente, tradição e mudança, materialidade e experiência sonora.

4. SINOS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL

A compreensão dos sinos como patrimônio cultural amplia significativamente o campo de análise. Se o olhar estiver restrito ao objeto material, a preocupação principal será sua conservação física: bronze, estrutura, torre, mecanismos e estado de preservação. Entretanto, quando se considera o patrimônio imaterial, entram em cena os saberes, as práticas, os significados, os modos de fazer e as formas de transmissão. O sino passa a ser analisado em relação às pessoas e às comunidades que o utilizam e interpretam.

O reconhecimento do Toque dos Sinos e do Ofício de Sineiro como patrimônio cultural imaterial pelo Iphan, em 2009, representa um marco importante nesse debate. O reconhecimento evidencia que a prática não se resume ao instrumento, mas envolve uma cadeia de conhecimentos e relações sociais. A patrimonialização chama

atenção para a necessidade de preservar não apenas o bronze, mas também a capacidade de tocar, reconhecer, ensinar e significar os toques. Nesse sentido, patrimônio e memória estão profundamente relacionados.

A noção de patrimônio cultural imaterial também permite compreender que uma tradição não é estática. Canclini (2008) destaca o caráter dinâmico das culturas, enquanto Abreu (2012) discute tensões e disputas envolvidas na definição do que deve ser reconhecido e preservado. Uma prática torna-se patrimônio porque determinados grupos atribuem valor a ela e participam de processos de reconhecimento. Portanto, preservar não significa congelar uma forma considerada “autêntica”, mas criar condições para que a comunidade continue produzindo sentidos e transmitindo conhecimentos.

Nessa perspectiva, o toque dos sinos pode ser entendido como patrimônio vivo. A expressão é pertinente porque a prática depende de sujeitos concretos. Se o sineiro deixa de existir ou se o conhecimento sobre os toques não é transmitido, a simples existência física do sino não garante a continuidade da tradição. O patrimônio está na relação entre instrumento, técnica, repertório, contexto, memória e comunidade. A salvaguarda, portanto, precisa contemplar pessoas, espaços de aprendizagem e oportunidades de prática.

A memória social constitui outra dimensão central. Connerton (1989) demonstra que sociedades lembram não apenas por meio de documentos, mas também através de práticas corporais e rituais. O toque do sino pode ser compreendido como uma dessas práticas, pois se repete em situações significativas e participa da construção

de hábitos coletivos. Assmann (2011), por sua vez, contribui para pensar os mecanismos culturais que permitem a transmissão da memória entre gerações. O sino, nesse sentido, funciona como suporte de lembranças compartilhadas.

A contribuição de Pierre Nora (1993) também é relevante. A ideia de lugares de memória ajuda a compreender como determinados objetos, espaços e práticas passam a concentrar sentidos relacionados ao passado. Um sino instalado em uma igreja histórica pode tornar-se referência para narrativas sobre a cidade, suas festas e seus personagens. Quando a comunidade reconhece aquele som como parte de sua história, o sino deixa de ser somente um objeto e passa a atuar como marcador da memória coletiva.

A patrimonialização também envolve disputas de visibilidade. Nem todos os saberes recebem o mesmo reconhecimento institucional ou acadêmico. Investigar os sinos exige perguntar quem são os sujeitos responsáveis pela continuidade das práticas, quais histórias são lembradas e quais podem permanecer invisibilizadas. O ofício de sineiro, por exemplo, envolve trabalho manual e conhecimento especializado, mas muitas vezes é associado apenas ao serviço religioso, sem que sua dimensão cultural e técnica seja devidamente valorizada.

Outra questão diz respeito à relação entre patrimônio e território. Os sinos possuem uma presença espacial muito particular: estão fixados em torres e estruturas elevadas, e seus sons atravessam limites físicos. A paisagem sonora criada por eles ultrapassa o espaço da igreja. Schafer (1991) permite compreender essa dimensão ao tratar dos sons como componentes da identidade dos lugares. O

sino participa da construção de uma paisagem auditiva que pode ser reconhecida pelos habitantes e visitantes.

A paisagem sonora não é formada apenas por sons agradáveis ou musicais. Ela é resultado da combinação de sons naturais, humanos, mecânicos, religiosos e cotidianos. Nesse conjunto, o sino pode funcionar como um “som-marca”, isto é, uma sonoridade reconhecida como característica de determinado lugar. Sua ausência também pode ser percebida. Quando uma comunidade deixa de ouvir um sino que fazia parte de sua rotina, produz-se uma alteração na experiência do espaço e na memória sonora.

Os estudos sobre patrimônio também permitem aproximar o sino de outras manifestações da cultura popular. Festas, procissões, romarias, celebrações e ritos comunitários frequentemente articulam sons, imagens, gestos e deslocamentos. O toque pode anunciar o início de uma celebração, acompanhar uma procissão ou marcar momentos específicos de uma festa. A análise isolada do sino não permite compreender completamente esses fenômenos; é necessário observar a rede de práticas na qual ele está inserido.

A transmissão dos saberes ocorre, em grande medida, por observação e participação. Ingold (2011) enfatiza que conhecimentos podem ser construídos no fazer, na atenção aos materiais e na experiência. Isso ajuda a compreender por que determinados conhecimentos sobre sinos não se encontram necessariamente em manuais. O aprendiz observa o mestre, experimenta o movimento, escuta a resposta sonora e aprende a reconhecer diferenças. O corpo participa do processo de aprendizagem.

A dimensão educativa do patrimônio emerge justamente desse processo. Aprender a tocar um sino é aprender uma prática cultural; aprender a reconhecer seus sons é desenvolver uma forma de escuta; compreender seu significado é conhecer a história da comunidade. Portanto, o patrimônio pode constituir espaço de educação não formal e de educação musical. Essa possibilidade é especialmente relevante para pesquisas que buscam aproximar escola, território e cultura.

A relação entre patrimônio e tecnologia também merece atenção. Sistemas automáticos de toque podem substituir parcialmente a presença humana, garantindo regularidade e reduzindo o trabalho físico. Porém, essa substituição pode modificar a experiência do ofício. Quando um mecanismo produz o toque, o som permanece, mas determinados saberes corporais podem deixar de ser praticados. A questão não é defender ou rejeitar a tecnologia de forma absoluta, mas investigar o que se transforma quando a prática passa de uma ação humana para um dispositivo automatizado.

Desse modo, o patrimônio dos sinos precisa ser pensado de maneira integrada. A conservação do objeto, a preservação do ofício, a documentação dos toques, a valorização dos mestres, a transmissão às novas gerações e o registro das memórias comunitárias são dimensões complementares. Uma política de salvaguarda que considere somente a materialidade corre o risco de preservar o instrumento e perder a prática.

5. PAISAGEM SONORA, MÚSICA E EXPERIÊNCIA DA ESCUTA

Uma das contribuições mais importantes para compreender os sinos é a noção de paisagem sonora proposta por R. Murray Schafer

(1991). O autor chama atenção para a importância dos sons ambientais na experiência humana e para a maneira como os lugares possuem identidades acústicas. Aplicada aos sinos, essa perspectiva permite perceber que o toque não existe isoladamente. Ele se mistura às vozes, aos passos, aos animais, aos veículos, às atividades religiosas e aos demais sons do cotidiano. O significado do sino emerge também de sua posição nesse conjunto.

A escuta é, portanto, uma prática cultural. Pessoas diferentes podem ouvir o mesmo som e produzir interpretações distintas. Para um visitante, determinado toque pode parecer apenas uma sonoridade característica; para um morador antigo, pode anunciar uma festa, uma missa ou uma morte. A experiência acumulada modifica a percepção. É por isso que a linguagem dos sinos não pode ser compreendida somente por análises acústicas. É necessário investigar os ouvintes e os conhecimentos que permitem interpretar o som.

Merriam (1964) contribui para essa discussão ao compreender a música em relação ao contexto cultural. O toque dos sinos pode ser analisado a partir de suas funções, de seus usos e dos valores atribuídos a ele. Blacking (1973), ao discutir a música como atividade humana organizada, também oferece elementos para interpretar o toque como prática social. Mesmo quando não é classificado formalmente como música por todos os participantes, o sino possui ritmo, duração, intensidade, timbre e organização temporal, podendo produzir experiências estéticas e coletivas.

A etnomusicologia amplia essa compreensão porque desloca o foco do objeto sonoro para os sistemas culturais nos quais ele está inserido. Em vez de perguntar apenas “como o sino soa?”, pergunta-

se também “quem toca?”, “para quem?”, “em que situação?”, “qual significado é atribuído ao toque?” e “como esse conhecimento é aprendido?”. Essas questões aproximam o estudo dos sinos da antropologia da música e dos estudos da performance.

Steven Feld (1996) permite aprofundar a relação entre som, experiência e lugar. A escuta não é neutra; ela participa da maneira como os indivíduos constroem relações com os espaços. Um som recorrente pode produzir pertencimento, enquanto um som ausente pode produzir estranhamento. No caso dos sinos, a repetição cotidiana transforma o toque em referência espacial e temporal. O indivíduo pode reconhecer sua comunidade por meio da sonoridade antes mesmo de visualizar a torre.

A dimensão sensorial também merece maior atenção. O sino não é percebido somente pelo ouvido. Em determinadas situações, especialmente quando se trata de grandes instrumentos, o som pode ser acompanhado por vibrações percebidas corporalmente. A experiência pode envolver visão, audição, movimento e sensação espacial. Essas características sugerem possibilidades de pesquisa interdisciplinar entre música, antropologia sensorial e estudos do corpo.

A acústica musical acrescenta outra camada de interpretação. Helmholtz (1863), Benade (1976) e Rossing (2000) ajudam a compreender que o som depende de propriedades físicas. Frequência, ressonância, vibração, composição e formato interferem na sonoridade. O bronze, a espessura e o desenho do sino produzem combinações harmônicas específicas. Assim, existe uma dimensão material do som que não pode ser ignorada.

Entretanto, a acústica não substitui a cultura. Um sino pode possuir determinadas frequências independentemente da comunidade, mas o significado dessas frequências é culturalmente construído. O mesmo fenômeno físico pode receber diferentes interpretações sociais. A riqueza do objeto está justamente na articulação entre essas dimensões. O som possui uma base material, mas transforma-se em experiência significativa por meio da cultura.

A campanologia também demonstra que tocar sinos pode envolver elevado grau de organização. Price (1983) e Elphick (1977) registram tradições nas quais os toques seguem sequências, combinações e princípios sistemáticos. Isso evidencia que o ofício não deve ser reduzido a uma atividade espontânea. Há repertórios, regras, técnicas e formas de aprendizagem. A pesquisa pode, portanto, investigar o sineiro como intérprete de uma linguagem sonora.

Essa perspectiva abre possibilidades para a educação musical. O estudo de um sino pode envolver conceitos de ritmo, duração, intensidade, timbre, frequência, ressonância e paisagem sonora. Também pode promover atividades de escuta e registro de sons do território. O patrimônio local passa a ser recurso para aprendizagem. Swanwick (1999), ao valorizar a experiência musical e estética, oferece uma base para pensar essas possibilidades educativas.

A educação pela escuta também possui uma dimensão cidadã. Quando estudantes aprendem a reconhecer e documentar sons de seu território, desenvolvem atenção ao ambiente e às práticas culturais. O sino pode ser ponto de partida para investigar história local, arquitetura, religião, festas, memória e transformações urbanas. Desse modo, a pesquisa sobre sinos ultrapassa o interesse

especializado e pode dialogar com práticas pedagógicas interdisciplinares.

6. PRODUÇÃO, TÉCNICA E SABERES TRADICIONAIS

A fabricação de um sino envolve conhecimentos que articulam metalurgia, modelagem, fundição, acabamento e acústica. A qualidade do objeto depende de fatores materiais e geométricos que interferem diretamente em sua sonoridade. Smith (1988) demonstra a importância histórica do desenvolvimento da metalurgia para a produção de artefatos com propriedades específicas. No caso dos sinos, o conhecimento técnico acumulado ao longo do tempo permitiu aperfeiçoar materiais e formas, tornando possível produzir instrumentos com características sonoras determinadas.

Rossing (2000) demonstra que a sonoridade dos sinos resulta de padrões vibracionais complexos. A forma, a espessura e a composição do material influenciam as frequências produzidas. Benade (1976) também evidencia a relação entre propriedades físicas e percepção musical. Essas contribuições mostram que a construção de um sino envolve princípios que podem ser investigados cientificamente, mas que historicamente também foram aprendidos por experimentação e transmissão de saberes.

O conhecimento do artesão ou do mestre sineiro não se reduz a fórmulas. Há uma dimensão prática que envolve sensibilidade, atenção e experiência. Sennett (2009) compreende o trabalho artesanal como forma de conhecimento em que fazer e pensar se relacionam. O trabalhador aprende pela repetição, pelo erro, pela observação e pela busca de aperfeiçoamento. No caso dos sinos,

esse saber pode incluir reconhecer materiais, avaliar formas, interpretar sons e decidir ajustes.

Ingold (2011) amplia essa compreensão ao destacar a relação entre conhecimento, movimento, ambiente e materiais. O saber fazer não está somente na mente do indivíduo; ele se constitui na relação corporal com o mundo. Aplicado ao ofício de sineiro, isso significa considerar gestos, movimentos, ferramentas, escuta e experiência como partes do conhecimento. Documentar a prática exige observar não apenas o resultado, mas o processo.

A transmissão geracional é outro elemento central. Saberes tradicionais permanecem quando encontram condições sociais para serem ensinados e praticados. O aprendiz precisa de oportunidade para acompanhar o mestre, experimentar, receber orientações e desenvolver autonomia. A transmissão pode ocorrer em espaços religiosos, oficinas, comunidades ou eventos. A perda desses espaços pode interromper a cadeia de conhecimento mesmo quando o objeto físico continua preservado.

O ofício de sineiro possui ainda uma dimensão simbólica. O responsável pelo toque participa de acontecimentos significativos para a comunidade. Seu trabalho pode ser associado a festas, ritos, lutos e momentos coletivos. A função técnica, portanto, articula-se a uma função social. O sineiro torna-se mediador entre o instrumento e a comunidade, interpretando códigos que possuem significado compartilhado.

A documentação dos saberes tradicionais constitui uma estratégia importante de salvaguarda. Registrar nomes dos toques, contextos de uso, técnicas, ferramentas, trajetórias dos mestres e memórias

dos moradores pode contribuir para evitar perdas. Registros sonoros e audiovisuais também podem auxiliar futuras pesquisas. Entretanto, a documentação não substitui a prática. Um arquivo pode preservar informações, mas a continuidade depende de pessoas capazes de atualizar o conhecimento.

A relação entre técnica e patrimônio também exige atenção às transformações contemporâneas. Mudanças arquitetônicas, reformas de torres, mecanismos automatizados e alterações nas práticas religiosas podem modificar o trabalho do sineiro. Algumas transformações podem favorecer a conservação; outras podem reduzir a participação humana. O estudo desses processos ajuda a compreender como uma tradição se adapta às condições presentes.

Outro aspecto importante é a valorização profissional. Reconhecer o ofício como patrimônio cultural implica também reconhecer os sujeitos que o realizam. A valorização pode envolver formação, documentação, participação comunitária, reconhecimento público e condições adequadas para a continuidade do trabalho. O patrimônio não existe sem pessoas. Por isso, qualquer política de preservação deve considerar a dignidade e o protagonismo dos detentores dos saberes.

A produção dos sinos, portanto, pode ser compreendida como encontro entre ciência, arte e tradição. A física explica fenômenos de vibração e ressonância; a metalurgia oferece conhecimentos sobre materiais; o artesanato organiza técnicas; a música interpreta a sonoridade; e a cultura atribui significados. A interdisciplinaridade não é apenas uma escolha metodológica, mas uma exigência do próprio objeto.

7. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O levantamento evidencia, em primeiro lugar, que os estudos sobre sinos possuem caráter interdisciplinar. Não existe uma única área capaz de explicar todas as dimensões do fenômeno. Os estudos históricos enfatizam trajetória, temporalidade e funções sociais; os estudos de patrimônio destacam memória, identidade e transmissão; a música e a etnomusicologia analisam usos, repertórios e significados; a acústica investiga propriedades físicas; e a antropologia permite compreender práticas e relações sociais. A diversidade de perspectivas constitui uma riqueza, mas também produz fragmentação.

Essa fragmentação é uma das principais características identificadas. Os trabalhos tendem a privilegiar uma dimensão específica, enquanto as conexões entre materialidade, som, técnica e experiência aparecem de forma menos sistemática. Há pesquisas sobre patrimônio que discutem memória, mas não aprofundam acústica; estudos acústicos que descrevem o fenômeno físico, mas não analisam os significados comunitários; e trabalhos históricos que apresentam a trajetória dos sinos sem investigar detalhadamente os processos de aprendizagem do ofício.

O estado da arte permite afirmar que a dimensão histórica é uma das mais consolidadas. A literatura demonstra que os sinos possuem longa trajetória e desempenharam funções de comunicação, organização do tempo e expressão religiosa. Le Goff oferece uma interpretação importante sobre a relação entre som e tempo social. Entretanto, novas pesquisas podem deslocar o olhar para contextos locais, buscando compreender como essas funções foram

apropriadas por comunidades específicas e como se transformaram ao longo do tempo.

Na dimensão cultural, os estudos convergem ao reconhecer os sinos como portadores de significados coletivos. Canclini, Nora, Connerton e Assmann ajudam a interpretar processos de identidade, memória e continuidade. O sino pode concentrar narrativas sobre a comunidade e funcionar como referência para experiências individuais e coletivas. Essa dimensão é particularmente relevante em cidades históricas, nas quais os sons dos campanários se relacionam com festas, turismo, religiosidade e memória urbana.

A paisagem sonora constitui outro eixo de forte potencial. Schafer demonstra que os sons participam da identidade dos lugares, e os sinos aparecem como elementos marcantes. O conceito permite pensar não apenas o som produzido, mas sua relação com outros sons e com as mudanças do território. Uma cidade que antes possuía muitos toques pode experimentar redução da atividade sineira devido à urbanização, à mudança de práticas religiosas ou à substituição de mecanismos. Comparar paisagens sonoras de diferentes períodos pode revelar transformações culturais.

A literatura também evidencia que o som dos sinos possui dimensão semiótica. O toque comunica algo porque existe uma comunidade que reconhece seu código. Plaza (2013) contribui para compreender os processos de significação e tradução entre diferentes linguagens. O toque pode ser entendido como signo que produz uma interpretação. Isso abre possibilidades para estudos que comparem repertórios de toques e identifiquem variações regionais.

A dimensão do ofício de sineiro aparece como elemento fundamental, mas ainda pode ser aprofundada. O reconhecimento pelo Iphan contribuiu para legitimar esse saber, mas o estado da arte sugere a necessidade de mais pesquisas sobre as trajetórias dos mestres, seus processos de aprendizagem, suas condições de trabalho e as transformações provocadas pela tecnologia. Investigações biográficas podem revelar como o conhecimento é incorporado ao longo da vida e como se relaciona à identidade profissional e comunitária.

A perspectiva biográfica pode dialogar com os estudos de memória. A trajetória de um sineiro pode reunir acontecimentos que ultrapassam sua história individual. Ao narrar seu ofício, o mestre pode recuperar festas, mudanças na cidade, relações com religiosos, acontecimentos familiares e transformações técnicas. A biografia torna-se, assim, uma via para acessar a memória social. Estudos como o de Britto e Rosa sobre ressonâncias biográficas e patrimoniais apontam para a fecundidade dessa abordagem.

Outra lacuna identificada refere-se às experiências educativas. Embora o toque dos sinos possua evidente potencial para trabalhar história, cultura e música, essa dimensão aparece menos desenvolvida. Os estudos podem investigar como escolas e comunidades podem utilizar o patrimônio sonoro local em projetos pedagógicos. A escuta dos sinos pode ser ponto de partida para atividades de história local, produção de mapas sonoros, entrevistas com moradores, estudo de conceitos musicais e documentação da memória.

A educação patrimonial pode contribuir para aproximar novas gerações das tradições sineiras. Em vez de apresentar o patrimônio

como algo distante e acabado, a escola pode tratá-lo como prática presente, problematizando seus significados e transformações. Os estudantes podem pesquisar quem toca os sinos, quais são os toques conhecidos, em que situações são executados, como as pessoas os interpretam e quais mudanças ocorreram. O trabalho pedagógico pode combinar pesquisa documental, oralidade, escuta e produção artística.

Também se evidencia a necessidade de estudos comparativos. Pesquisas em diferentes cidades podem identificar semelhanças e diferenças nos repertórios, nas técnicas e nos significados. Uma abordagem comparativa pode evitar generalizações a partir de poucos casos e mostrar a diversidade das tradições brasileiras. Essa perspectiva é especialmente importante porque a linguagem dos sinos pode variar conforme história local, devoção, arquitetura, organização comunitária e trajetórias dos sineiros.

Outro campo de investigação é a relação entre patrimônio sonoro e turismo. Os sinos podem integrar roteiros culturais e experiências de visitantes, mas existe o risco de reduzir uma prática viva a espetáculo. A pesquisa deve observar como as comunidades participam da apresentação de seus patrimônios e como os sentidos locais são preservados. A valorização turística pode gerar reconhecimento e recursos, mas também pode alterar horários, repertórios e formas de apresentação.

A tecnologia aparece como desafio e oportunidade. Ferramentas digitais permitem registrar sons em alta qualidade, construir arquivos, criar mapas sonoros e divulgar informações. Ao mesmo tempo, a automação pode alterar o ofício. O desafio acadêmico consiste em compreender essas transformações sem adotar uma

visão simplista de oposição entre tradição e modernidade. Culturas se transformam, e o patrimônio pode sobreviver justamente por sua capacidade de adaptação.

A análise da produção também indica a importância de ampliar o debate sobre diversidade cultural. A narrativa histórica dos sinos frequentemente enfatiza o cristianismo europeu, mas o Brasil possui uma formação cultural plural. Investigar relações entre práticas católicas, tradições afro-brasileiras, culturas locais e outras formas de experiência sonora pode produzir interpretações mais complexas. Essa abordagem contribui para superar leituras lineares da história e reconhecer diferentes sujeitos na produção da cultura.

Do ponto de vista da acústica, estudos futuros podem aproximar medições técnicas e percepção dos ouvintes. É possível investigar como diferentes sinos produzem frequências específicas e, simultaneamente, como as comunidades distinguem seus sons. A comparação entre dados físicos e narrativas dos moradores pode revelar relações entre características materiais e significados culturais. Esse diálogo entre ciência e experiência constitui uma possibilidade interdisciplinar promissora.

A memória sonora também merece ser tratada como patrimônio. Enquanto fotografias e documentos escritos registram aspectos visuais e textuais, os sons são mais difíceis de conservar. Gravações podem contribuir, mas não reproduzem integralmente a experiência de ouvir um sino em determinado território. A distância, a arquitetura, o clima, os demais sons e o contexto social influenciam a percepção. Por isso, o registro sonoro deve ser acompanhado de informações sobre lugar, ocasião, repertório e interpretação comunitária.

A discussão aponta ainda para a necessidade de considerar o silêncio. Se o patrimônio é percebido pelo som, sua interrupção também produz significado. Um sino que deixa de tocar pode sinalizar mudanças religiosas, urbanas, técnicas ou sociais. O silêncio pode representar perda de uma prática, mas também uma escolha comunitária. Investigar quando e por que os sinos deixam de tocar pode revelar dimensões importantes da transformação cultural.

Outro resultado é a compreensão do sino como mediador entre indivíduo e coletividade. A pessoa pode experimentar o toque de maneira íntima, relacionando-o a lembranças pessoais, mas o mesmo som possui significado compartilhado. Essa dupla dimensão – individual e coletiva – ajuda a explicar a permanência afetiva dos sinos. O som produz uma experiência que pode ser simultaneamente pessoal e comunitária.

Em síntese, o estado da arte demonstra que os estudos existentes oferecem bases teóricas sólidas, mas ainda existe espaço para integrar campos. A principal contribuição de uma agenda de pesquisa interdisciplinar seria aproximar história, memória, cultura, música, acústica, educação e patrimônio. Essa integração permitiria compreender os sinos como fenômeno complexo e evitaria reduzi-los a objeto religioso, instrumento musical ou peça histórica isoladamente.

7.1. A Interdisciplinaridade Como Característica do Campo

A interdisciplinaridade identificada no levantamento não deve ser compreendida apenas como reunião de referências provenientes de áreas diferentes. Ela decorre das próprias características do objeto investigado. O sino é simultaneamente artefato material,

instrumento sonoro, elemento arquitetônico, dispositivo de comunicação, marcador temporal, objeto religioso e referência patrimonial. Cada uma dessas dimensões exige perguntas específicas, mas nenhuma delas é suficiente isoladamente. Quando a pesquisa aproxima história, antropologia, música, acústica e patrimônio, torna-se possível compreender as relações que dão sentido ao objeto.

A história contribui para localizar os sinos em processos de longa duração e para compreender mudanças nas formas de utilização. A antropologia possibilita observar relações sociais, rituais, práticas e significados. A música e a etnomusicologia permitem analisar ritmo, timbre, repertório, performance e experiência sonora. A acústica investiga as propriedades físicas responsáveis pela produção do som. Os estudos do patrimônio, por sua vez, permitem compreender processos de reconhecimento, memória, identidade e salvaguarda. A articulação desses campos produz uma visão mais ampla do fenômeno.

A interdisciplinaridade também modifica a própria maneira de formular o problema. Em vez de perguntar somente quando o sino foi produzido, pode-se perguntar por que ele continua sendo tocado; em vez de registrar apenas sua composição material, pode-se investigar quem reconhece seu som; em vez de descrever a torre, pode-se compreender sua relação com a paisagem urbana. As perguntas tornam-se mais complexas porque passam a considerar os sujeitos e as experiências associadas ao objeto.

Essa abordagem é importante para o desenvolvimento de novas pesquisas no Brasil. A produção reunida demonstra que existem estudos relevantes, mas também indica que diferentes grupos de

pesquisadores trabalham, muitas vezes, sem diálogo sistemático. Um programa interdisciplinar poderia aproximar acervos históricos, arquivos sonoros, estudos etnográficos, análises acústicas e ações de educação patrimonial. O resultado seria uma compreensão mais integrada e uma documentação mais completa das tradições sineiras.

7.2. Memória, Identidade e Pertencimento

A relação entre sino e memória aparece como uma das dimensões mais fortes do levantamento. O som pode funcionar como gatilho de lembranças porque se associa a acontecimentos recorrentes e significativos. Uma pessoa pode reconhecer um toque antes de identificar conscientemente sua origem, associando-o imediatamente a uma festa, a uma celebração religiosa ou a uma experiência familiar. Essa capacidade de ativar lembranças transforma o som em elemento importante da memória individual e coletiva.

A memória não é uma reprodução exata do passado. Ela é reconstruída no presente, a partir das experiências e necessidades dos grupos. Por isso, lembrar os sinos significa também selecionar significados. Uma comunidade pode enfatizar determinados toques e esquecer outros; pode atribuir novos sentidos a uma prática antiga; pode transformar um som religioso em símbolo da cidade. Essa dimensão dinâmica aproxima os sinos das reflexões de Nora, Connerton e Assmann sobre os mecanismos culturais de preservação e atualização da memória.

A identidade também se constrói por meio de referências sonoras. Quando os moradores reconhecem determinado sino como “o sino

da comunidade”, estão atribuindo ao som uma dimensão de pertencimento. A identificação não depende somente da propriedade do objeto, mas de sua presença na experiência coletiva. O som passa a representar o lugar. Nesse sentido, o sino participa da produção de identidades territoriais e pode ser considerado uma referência cultural para a população.

Essa dimensão afetiva ajuda a explicar por que a preservação dos sinos pode mobilizar comunidades. A defesa de uma torre, de um sino ou de um toque muitas vezes ultrapassa a preocupação com um objeto antigo. Trata-se da defesa de uma memória. A pesquisa sobre patrimônio precisa, portanto, ouvir os sujeitos e reconhecer os valores atribuídos por eles. O significado cultural não deve ser definido somente por especialistas ou instituições, mas construído em diálogo com as comunidades.

A memória sonora também pode ser utilizada como fonte histórica. Entrevistas com moradores, registros de antigos sineiros e gravações podem revelar mudanças nos repertórios e nos horários de toque. Comparar narrativas de diferentes gerações permite identificar permanências e rupturas. Assim, o sino torna-se uma porta de entrada para investigar transformações sociais mais amplas.

7.3. O Sineiro Como Sujeito de Conhecimento

O levantamento permite reforçar a necessidade de deslocar o olhar do sino para o sujeito que o toca. O sineiro é portador de conhecimentos que nem sempre estão registrados em documentos. Ele conhece o comportamento do instrumento, identifica sons, domina movimentos, reconhece situações e compreende expectativas da comunidade. Esse conhecimento é construído pela

experiência e possui uma dimensão corporal que não pode ser plenamente reduzida a descrições escritas.

A aprendizagem do ofício pode ocorrer por imitação, acompanhamento e participação. O aprendiz observa o mestre, reproduz movimentos, escuta as respostas do sino e aprende gradualmente a controlar a força e o tempo dos toques. Esse processo aproxima-se da concepção de aprendizagem situada no fazer. Ingold e Sennett ajudam a compreender que o conhecimento técnico não está separado da prática; ele se constitui no contato continuado com materiais, ferramentas, movimentos e situações concretas.

O reconhecimento do sineiro como detentor de saberes também modifica a compreensão do patrimônio. O patrimônio deixa de ser visto como propriedade exclusiva da instituição religiosa ou do poder público e passa a ser relacionado aos sujeitos que mantêm a prática. Isso implica reconhecer suas narrativas, suas experiências e sua autoridade sobre o saber. A pesquisa acadêmica pode contribuir para esse reconhecimento ao registrar trajetórias e valorizar conhecimentos tradicionalmente pouco documentados.

As trajetórias dos sineiros constituem uma possibilidade de investigação particularmente rica. Uma história de vida pode revelar quando o sujeito começou a tocar, quem o ensinou, quais dificuldades enfrentou, quais toques aprendeu, como percebe mudanças no instrumento e como interpreta a transformação da comunidade. Essas narrativas podem ser analisadas como documentos sobre o patrimônio e, simultaneamente, como experiências de formação cultural.

Outro ponto relevante é a continuidade geracional. Se os jovens não têm oportunidade de aprender o ofício, a tradição pode enfraquecer. Entretanto, a transmissão não precisa reproduzir exatamente as condições do passado. Novos aprendizes podem utilizar tecnologias de registro, redes digitais e recursos pedagógicos sem abandonar a prática tradicional. A salvaguarda pode, assim, combinar memória e inovação.

7.4. A Linguagem dos Sinos Como Forma de Comunicação

A expressão “linguagem dos sinos” sintetiza uma das principais descobertas presentes na literatura. O toque possui estrutura e contexto. Não se trata de qualquer som produzido aleatoriamente, mas de sequências que podem ser reconhecidas por pessoas familiarizadas com a tradição. O significado é estabelecido socialmente e depende da situação. Um mesmo sino pode ser utilizado em momentos diferentes, com ritmos e intensidades diferentes, produzindo mensagens distintas.

A linguagem sonora pode ser analisada em vários níveis. No nível físico, observam-se frequência, intensidade, duração e ressonância. No nível musical, podem ser analisados ritmo, repetição, pausa e sequência. No nível social, investigam-se as situações nas quais os toques são utilizados. No nível simbólico, procura-se compreender os significados atribuídos pela comunidade. A integração desses níveis permite uma leitura mais completa do fenômeno.

O conhecimento da linguagem também produz diferenciação entre iniciados e não iniciados. Pessoas que convivem com a tradição reconhecem nuances que visitantes podem não perceber. Essa característica demonstra que o patrimônio é aprendido socialmente.

O conhecimento não está disponível apenas no objeto; ele está na relação entre o objeto e a comunidade. Por isso, registrar apenas o som, sem registrar o significado atribuído a ele, pode produzir uma documentação incompleta.

A linguagem dos sinos pode ainda ser compreendida como patrimônio comunicacional. Antes da disseminação dos meios modernos, o som possuía grande alcance territorial. Mesmo atualmente, em algumas comunidades, o toque continua funcionando como anúncio coletivo. O estudo dessas práticas ajuda a compreender como diferentes sociedades desenvolveram formas de comunicação adaptadas às tecnologias disponíveis.

Investigações futuras poderiam produzir inventários dos repertórios de toques. Cada registro poderia incluir nome atribuído pela comunidade, contexto de execução, duração, padrão rítmico, finalidade, local e depoimentos de praticantes. Esse tipo de documentação contribuiria para preservar conhecimentos que podem desaparecer com o envelhecimento dos mestres ou com mudanças nas práticas religiosas.

7.5. Transformações Contemporâneas e Continuidade da Tradição

A permanência dos sinos no mundo contemporâneo não significa ausência de transformação. Os meios digitais, os relógios eletrônicos, os sistemas de som e os mecanismos automáticos reduziram algumas das funções que historicamente pertenciam aos sinos. Mesmo assim, eles continuam sendo utilizados porque possuem valores simbólicos e afetivos que não são substituídos por tecnologias funcionais. O sino permanece não somente porque é útil, mas porque significa.

Essa distinção entre função e significado é essencial. Um relógio digital pode indicar as horas com maior precisão, mas não produz necessariamente a mesma experiência coletiva que um sino. Uma mensagem enviada por telefone pode alcançar indivíduos específicos, enquanto o toque pode anunciar um acontecimento a toda uma comunidade. A tecnologia modifica a necessidade funcional, mas não elimina automaticamente a dimensão cultural.

A automação representa uma das principais transformações. Quando o toque é programado eletronicamente, a regularidade pode aumentar e o risco de acidentes pode diminuir. Porém, parte do conhecimento corporal envolvido no ofício pode deixar de ser exercitada. O desafio da preservação é encontrar equilíbrio entre segurança, conservação e continuidade do saber-fazer. Nem toda mudança significa perda, mas toda mudança precisa ser analisada em seus efeitos.

A contemporaneidade também oferece instrumentos de preservação que não existiam para gerações anteriores. Gravações digitais, fotografia de alta resolução, vídeo, georreferenciamento e bancos de dados permitem registrar detalhes da prática. Esses recursos podem ser utilizados em projetos de documentação comunitária. A tecnologia, portanto, pode ser simultaneamente fator de transformação e ferramenta de salvaguarda.

A continuidade da tradição depende, em última análise, de sua capacidade de permanecer significativa. Uma prática que dialoga com as novas gerações possui maior possibilidade de permanência. Isso exige ações de educação patrimonial, participação comunitária e valorização dos mestres. O objetivo não deve ser simplesmente

reproduzir o passado, mas permitir que o conhecimento continue vivo e possa ser reinterpretado.

7.6. Possibilidades Educativas e Formação Cultural

A presença dos sinos no cotidiano oferece possibilidades para uma educação contextualizada. A escola pode partir de um elemento conhecido pelos estudantes para desenvolver conhecimentos de diferentes áreas. Em história, pode-se investigar a origem das igrejas e das comunidades; em geografia, mapear a localização e o alcance dos sons; em matemática, observar ritmos e intervalos; em física, estudar vibração e propagação; em música, analisar timbre e intensidade; e em língua portuguesa, registrar relatos e produzir textos sobre a memória local.

A pesquisa sobre sinos também pode fortalecer a educação patrimonial. Em vez de ensinar patrimônio apenas por meio de conceitos abstratos, o professor pode levar os estudantes a observar práticas existentes em seu território. Entrevistar sineiros e moradores, registrar sons e pesquisar fotografias antigas transforma os estudantes em produtores de conhecimento. A escola deixa de ser apenas receptora de informações e passa a participar da documentação e valorização da cultura local.

A experiência da escuta pode ser trabalhada como prática pedagógica. Os estudantes podem ser convidados a permanecer em silêncio, identificar sons próximos e distantes e registrar aquilo que escutam. Em seguida, podem comparar a paisagem sonora de diferentes horários e espaços. Essa atividade desenvolve atenção, percepção e sensibilidade. Quando associada ao estudo dos sinos,

possibilita compreender que o som é também elemento de organização do território.

A educação musical pode explorar os parâmetros sonoros dos sinos. Intensidade, duração, altura e timbre podem ser observados em situações concretas. Mesmo quando não existe um instrumento disponível na escola, gravações podem ser utilizadas como material didático. O importante é relacionar conceitos musicais à experiência cultural dos estudantes, evitando separar conhecimento escolar e patrimônio comunitário.

A dimensão educativa também pode favorecer o diálogo intergeracional. Os estudantes podem entrevistar pessoas idosas sobre os toques que conheciam, os horários em que eram executados e as mudanças percebidas. O encontro entre gerações contribui para preservar memórias e fortalecer vínculos comunitários. A escola passa, assim, a funcionar como espaço de circulação e valorização dos saberes locais.

A dimensão territorial dos sinos merece destaque porque o alcance do som produz uma relação particular entre arquitetura e comunidade. A torre não é apenas suporte físico: ela possibilita que o som se projete sobre o espaço urbano ou rural. A localização da igreja, a altura da torre, as características das construções próximas e as condições ambientais interferem na experiência auditiva. Dessa forma, estudar um sino também significa estudar o território no qual ele está inserido e as relações espaciais que permitem sua escuta.

Em cidades históricas, essa relação entre arquitetura e som pode produzir uma paisagem particularmente marcada pelos campanários. Os sinos dialogam com praças, ruas, casas, mercados e

outros equipamentos comunitários. O som pode acompanhar deslocamentos e estabelecer referências para quem circula. Essa característica amplia o conceito de patrimônio arquitetônico, pois mostra que edifícios históricos também possuem dimensões acústicas que fazem parte de sua identidade.

A experiência do tempo também se transforma quando os sinos deixam de desempenhar suas funções tradicionais. O relógio individual organiza a rotina de cada pessoa, enquanto o sino historicamente produzia uma referência compartilhada. A substituição de uma temporalidade comunitária por temporalidades mais individualizadas pode ser investigada como parte das mudanças sociais modernas. O estudo dos sinos oferece, portanto, uma possibilidade singular de observar transformações na própria experiência coletiva do tempo.

A relação entre religiosidade e sonoridade constitui outro campo importante. O sino pode anunciar uma celebração, acompanhar momentos litúrgicos e produzir uma atmosfera considerada sagrada. Entretanto, seus usos não precisam permanecer restritos ao espaço estritamente religioso. Ao anunciar acontecimentos públicos, festas e situações comunitárias, o sino participa de uma esfera social mais ampla. Essa característica ajuda a compreender a circulação do religioso e do profano na experiência cotidiana.

A produção acadêmica também sugere que os sinos podem ser analisados como mediadores entre o sagrado e o cotidiano. Seu toque pode produzir reverência em determinado contexto e, simultaneamente, fazer parte da rotina dos moradores. Essa dupla presença impede classificações rígidas. O significado do som depende da situação, dos sujeitos envolvidos e das interpretações

construídas socialmente. A pesquisa deve acompanhar essas ambiguidades em vez de buscar uma única definição do objeto.

Outro aspecto que pode ser aprofundado é a relação entre silêncio, ruído e patrimônio. Nem todo som patrimonial é percebido positivamente por todos. Mudanças urbanas, legislação sobre ruídos e novas sensibilidades podem produzir conflitos entre moradores e instituições religiosas. A preservação de uma tradição sonora precisa dialogar com o direito ao descanso, com diferentes usos do território e com transformações nas expectativas sociais. Essa discussão aproxima patrimônio cultural e cidadania.

As pesquisas futuras podem ainda analisar a representação dos sinos em literatura, cinema, fotografia e música. Os estudos já reunidos indicam que o sino ultrapassa sua existência física e aparece como símbolo em diferentes linguagens. Comparar essas representações com as experiências dos sineiros e das comunidades pode revelar como o imaginário social constrói imagens de religiosidade, memória, morte, festa e passagem do tempo.

O diálogo entre documentação acadêmica e conhecimento comunitário é essencial para ampliar o estado da arte. O pesquisador não deve considerar a literatura científica como única fonte legítima de conhecimento. Os próprios praticantes possuem categorias, vocabulários e interpretações que podem orientar novas perguntas. A escuta dos sujeitos pode revelar aspectos que não aparecem em documentos institucionais ou publicações acadêmicas. Isso reforça a importância de metodologias qualitativas, entrevistas, observação e pesquisa colaborativa.

A pesquisa colaborativa pode assumir caráter de salvaguarda. Ao participar da documentação, a comunidade pode decidir quais conhecimentos devem ser registrados, como devem ser divulgados e quais informações possuem caráter reservado. Essa participação é importante porque o patrimônio pertence à vida social dos grupos e não somente ao pesquisador. A produção científica, nesse sentido, pode retornar à comunidade por meio de arquivos, exposições, materiais educativos e ações de formação.

Por fim, o conjunto de possibilidades identificadas confirma que o estudo dos sinos está longe de se esgotar. A diversidade de abordagens já existentes demonstra a relevância do tema, enquanto as lacunas revelam um campo aberto a novas perguntas. História, memória, som, patrimônio, educação, tecnologia e biografia podem ser articulados em pesquisas capazes de produzir conhecimento científico e, simultaneamente, contribuir para a valorização das comunidades que mantêm essas tradições.

Nesse sentido, o estado da arte realizado não deve ser entendido como ponto de chegada, mas como instrumento de orientação para novos percursos investigativos. Ao organizar as contribuições existentes, torna-se possível perceber quais questões foram mais exploradas e quais permanecem pouco desenvolvidas. Essa função diagnóstica é fundamental para uma pesquisa que pretenda avançar no conhecimento, pois evita a repetição de abordagens já consolidadas e favorece a formulação de problemas mais específicos.

Também se mostra relevante fortalecer a produção brasileira sobre os sinos a partir de contextos locais. A diversidade cultural e territorial do país impede que uma única experiência seja tomada

como modelo geral. Investigações realizadas em diferentes municípios podem revelar repertórios próprios, formas distintas de transmissão e relações específicas entre os sinos e as comunidades. Estudos locais, quando articulados entre si, podem contribuir para construir uma visão nacional mais plural sobre o patrimônio sineiro.

A valorização dos acervos também é uma tarefa importante. Documentos antigos, fotografias, inscrições em sinos, relatos de moradores e gravações podem desaparecer quando não são identificados e organizados. A pesquisa acadêmica pode colaborar para a criação de acervos digitais e comunitários, garantindo que informações sobre os instrumentos e seus usos permaneçam acessíveis. Esses acervos podem servir tanto à pesquisa quanto à educação patrimonial.

Por essa razão, ampliar os estudos dos sinos significa ampliar também as formas de olhar e escutar o patrimônio. O objeto que parece silencioso quando observado fora de seu contexto revela uma complexa rede de conhecimentos quando relacionado aos sujeitos que o produzem, aos lugares onde é ouvido e às memórias que desperta. A principal contribuição deste estado da arte está justamente em evidenciar essa complexidade e indicar caminhos para que ela seja investigada de maneira cada vez mais sistemática.

8. LACUNAS E POSSIBILIDADES PARA NOVAS PESQUISAS

A análise permite identificar algumas lacunas que podem orientar pesquisas futuras. A primeira refere-se à insuficiência de estudos que integrem a dimensão física do som e a dimensão cultural da escuta. Investigações interdisciplinares podem reunir medições acústicas, registros sonoros, entrevistas e observação participante. A

segunda lacuna envolve a dimensão educativa: ainda são necessárias pesquisas que investiguem experiências pedagógicas sistemáticas com patrimônio sonoro e com os saberes dos sineiros.

Outra possibilidade está relacionada às trajetórias de vida. Pesquisar mestres sineiros a partir de entrevistas biográficas pode contribuir para compreender como o ofício é aprendido, transformado e transmitido. Essas pesquisas podem registrar repertórios, vocabulários, gestos, técnicas e memórias. A história de vida permite também perceber como mudanças institucionais e tecnológicas afetam a prática.

Os estudos sobre território constituem uma terceira frente. Mapear igrejas, torres, sinos e repertórios pode produzir uma cartografia cultural e sonora. Associado a registros audiovisuais, esse mapeamento pode formar acervos para pesquisa e educação. Em municípios com forte tradição religiosa, a cartografia pode revelar relações entre patrimônio arquitetônico, festas, circulação de pessoas e paisagens sonoras.

A comparação regional também pode ampliar o conhecimento. Pesquisas em cidades do Nordeste, Sudeste e outras regiões brasileiras podem verificar como diferentes trajetórias históricas produziram repertórios específicos. Essa abordagem ajudaria a evitar que a experiência de algumas cidades históricas seja tomada como representação de todo o país.

Por fim, torna-se relevante investigar a relação entre tradição e contemporaneidade. Os sinos continuam significativos porque se transformam. Novos usos, novas tecnologias e novas gerações podem produzir interpretações diferentes. A pesquisa deve

acompanhar essas mudanças, perguntando não somente como preservar o passado, mas como criar condições para que a tradição continue sendo significativa no presente.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estado da arte permitiu compreender que os sinos constituem um objeto de pesquisa complexo, cuja riqueza decorre da articulação entre história, cultura, técnica, memória e experiência sonora. A literatura analisada demonstra que os sinos ultrapassam sua condição de objetos metálicos ou instrumentos religiosos. Eles participam da organização do tempo, da comunicação comunitária, das práticas musicais, das celebrações e da produção de identidades.

A perspectiva histórica evidenciou a longa duração da presença dos sinos e sua capacidade de assumir funções diversas em diferentes sociedades. A perspectiva cultural mostrou que seus significados são construídos coletivamente e transformados ao longo do tempo. A perspectiva patrimonial revelou a importância dos saberes e práticas relacionados ao toque e ao ofício de sineiro. Já a perspectiva sonora permitiu compreender os sinos como componentes das paisagens acústicas e como formas de linguagem.

O reconhecimento do Toque dos Sinos e do Ofício de Sineiro como patrimônio cultural imaterial reforça a necessidade de políticas de salvaguarda que considerem os sujeitos detentores dos saberes. Preservar um sino significa preservar também os conhecimentos que permitem tocá-lo, interpretá-lo e atribuir-lhe significado. A conservação material é necessária, mas insuficiente quando separada da transmissão cultural.

Os resultados também apontam lacunas. São necessários mais estudos sobre as dimensões sensoriais, educativas e estéticas, sobre trajetórias de vida dos sineiros, sobre variações regionais e sobre os efeitos das transformações tecnológicas. A educação aparece como campo especialmente promissor, pois o patrimônio sonoro pode contribuir para o desenvolvimento da escuta, da percepção musical, do conhecimento histórico e da valorização das culturas locais.

Conclui-se, portanto, que os sinos permanecem como campo fértil para investigação acadêmica. Seu estudo permite compreender como as sociedades produzem sons, atribuem sentidos, organizam tempos, preservam memórias e constroem pertencimentos. O sino toca no presente, mas carrega marcas do passado e possibilidades de futuro. É justamente essa capacidade de conectar temporalidades e experiências que sustenta sua relevância como patrimônio cultural e como objeto de pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Regina. Patrimônio cultural: **tensões e disputas no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: FGV, 2012.

ALBERGARIA, Danilo. *“Sinos, para o sagrado e o profano”* foi publicado na **Revista Pesquisa FAPESP**, edição 329, em julho de 2023.

ASSMANN, Jan. **Cultural Memory and Early Civilization**. **Cambridge**: Cambridge University Press, 2011.

BENADE, Arthur H. **Fundamentals of Musical Acoustics**. New York: Oxford, 1976.

BLACKING, John. **How Musical is Man?** Seattle: University of Washington Press, 1973.

BRITTO, Clovis Carvalho; ROSA, Fabio. **Por que plangem os sinos?** Ressonâncias biográficas e patrimoniais na paisagem sonora da cidade de Goiás. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, Salvador, v. 5, n. 14, p. 524-540. Acesso: 08/04/2026.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas.** São Paulo: Edusp, 2008.

CONNERTON, Paul. How Societies Remember. **Cambridge:** Cambridge University Press, 1989.

ELPHICK, George. **The Craft of the Bellfounder.** 1977.

FELD, Steven. **Sound and Sentiment. Philadelphia:** University of Pennsylvania Press, 1996.

GOMES, Ana Lúcia de Abreu. **A tangibilidade do intangível:** sinos e cidades tocantes. Anais do Museu Paulista, 2022.

HELMHOLTZ, **Hermann von.** On the Sensations of Tone. 1863.

IPHAN. **Dossiê do Toque dos Sinos.** Brasília, 2009.

IPHAN. Som dos Sinos: **patrimônio cultural brasileiro.** Dossiê do Toque dos Sinos. 2009.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Unicamp, 1990.

LE MOS JUNIOR, Urbano; GOSCIOLA, Vicente. **Reverberações do patrimônio cultural:** o sino e o ofício de sineiro representados na

literatura, no cinema e na música. Travessias, 2022.

MALM, William P. Music Cultures of the Pacific, the Near East, and Asia. **New Jersey:** Prentice Hall, 1996.

MERRIAM, Alan P. **The Anthropology of Music.** 1964.

NGOLD, Tim. **Being Alive:** Essays on Movement, Knowledge and Description. London: Routledge, 2011.

NORA, Pierre. **Entre memória e história:** a problemática dos lugares. Projeto História, 1993.

PEREIRA, Joyce Kimarce do Carmo. Entre festejos e ofícios: o toque dos sinos em São João del-Rei. UFMG, 2017.

PLAZA, J. **Tradução intersemiótica.** São Paulo: Perspectiva, 2013.

PRICE, Percival. Bells and Man. **Oxford:** Oxford University Press, 1983.

RAYEL, Renata Salgado. *A Linguagem dos Sinos em Diamantina (MG): rotas turísticas na paisagem sonora é uma tese de doutorado em Geografia*, defendida na UNESP, Rio Claro, em 2016.

ROSSING, Thomas D. **Science of Percussion Instruments.** Singapore: World Scientific, 2000.

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo.** São Paulo: Unesp, 1991.

SENNETT, Richard. **O artífice.** Rio de Janeiro: Record, 2009.

SMITH, Cyril Stanley. **A History of Metallurgy.** Chicago: University of Chicago Press, 1988.

VIEIRA, Yuri Honorato. **Instrumentos musicais e tecnologia numa fábrica de sinos e relógios de torre em Portugal**. Universidade Nova de Lisboa, 2023.

¹ Doutoranda em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará- UFC. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#).

² Doutorando em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará- UFC. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#).

³ Especialização em Gestão Educacional pelo INTA - Instituto Superior de Teologia Aplicada. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#).

⁴ Doutor em Sociologia da Educação - University of Iowa. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#).

⁵ Pós-Doutorado em Psicologia Social pela Universidad de Valladolid, (Espanha). E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#).